



Programa Zona Livre: um espaço laboratorial¹

Karla NORONHA²

Norma MEIRELES³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Este artigo é uma reflexão sobre o programa Zona Livre como um espaço laboratorial, inserido nas atividades da disciplina Direção de Programa de Rádio II, dos estudantes de Radialismo da Universidade Federal da Paraíba. O objetivo é observar a importância do programa para a formação profissional dos alunos, assim como destacar o valor da atividade como possibilidade de experimentação acadêmica e de serviço para com a comunidade. É uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, com análise de programas veiculados e entrevista com estudantes. Os resultados ratificam a importância acadêmica e profissional que o Zona Livre proporciona aos alunos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; educação; linguagem; programa radiofônico.

RÁDIO, UM ESPAÇO PARA O APRENDIZADO

A revolução industrial, que ocorreu na metade do século XVIII, trouxe inovações a nossa sociedade que são percebidas até hoje, e que incentivaram a criação e a busca de novas tecnologias. O uso cada vez mais frequente de máquinas e a necessidade de informação foram peças-chaves que marcam este período, a exemplo do rádio que trouxe uma nova forma de comunicação ao mundo.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Radialismo da UFPB, email: noronhkr18@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do DECOM/UFPB, Mestre em Educação (CE-UFPB), Especialista em Jornalismo Cultural pela FIP (Faculdades Integradas de Patos)-PB, Graduada em Comunicação Social pela UFPI. É pesquisadora do GEDIC (Grupo de Estudos de Divulgação Científica) e do GEPSEME (Grupo de Pesquisa Sexualidade, Meio Ambiente e Educação). email: norma.meireles@gmail.com

Co-autor (es) do Trabalho: Priscilla Alcântara* e Thibério Rodrigues**

*Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Radialismo da UFPB, email: pri_b.alcantara@hotmail.com

** Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Radialismo da UFPB, email: thiberio_rodrigues@hotmail.com



Com a descoberta das ondas eletromagnéticas, a propagação radiofônica feita por Hertz (as *ondas Hertzianas*) e os incipientes testes para enviar mensagens faladas; eis que surge o Rádio.

Mas, não poderíamos deixar de ressaltar conceitos importantes para definir o rádio como um veículo de comunicação social. Podendo-se falar em dois rádios: o rádio como “meio de transmissão” e ele como “meio de expressão”. Segundo Meditisch (2001), o primeiro rádio estaria justamente ligado na sua evolução tecnológica a serviço das telecomunicações, e o segundo tem como propósito a informação, o conteúdo e o seu poder social mediante a formação de opinião pública.

Desta forma, podemos entender a sua evolução que ocorrera de maneira rápida e estrondosa, sua adaptação ao mundo digital é cada vez mais crescente e visível dentro de uma sociedade gerida pela tecnologia e informação. E não é a primeira vez que o rádio passa por adaptações e reestruturações.

No Brasil, o rádio nasce com o propósito de disseminar a cultura e a educação. Assim, foi idealizado pelo “pai do rádio”, Roquette-Pinto, como um espaço público que objetivava a propagação de conteúdo educativo e cultural para a sociedade (BLOIS, 2004).

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com o espírito altruísta e elevador. (ROQUETE-PINTO apud FERRARETTO, 2007, p.97).

Ao longo dos anos, o rádio passou por diversas mudanças que afetariam o propósito inicial de Roquette, tornando-se comercial nos anos 30, graças a inserção de publicidades na programação. Nesta fase há a popularização do meio, a cultura erudita dá vazão a cultura popular surgindo as radionovelas, o radiojornalismo e as propagandas políticas. Cabia ao Rádio a divulgar das notícias do mundo e do país, dando status e poder aos que o detinham.

É no interior desse novo quadro, de transformações igualmente significativas no plano cultural, que o rádio se revelou como veículo de mudanças nas relações de poder. Antes disso, sua trajetória



experimentou uma fase etilista, caracterizada por uma programação sofisticada (PEROSA apud FROTA, 2006, p.38).

O advento da televisão, nos anos 50, e o avanço das tecnologias iniciam o declínio do rádio, que para sobreviver passou por diversas mudanças, e se moldou as novas exigências do mercado: *a segmentação*.

A rádio em meados dos anos 60/70, passa a se expandir como um meio de segmentos, em sua maioria por programação musical, excluindo assim, o seu teor e sua razão inicial, de ser uma ferramenta educativa.

Essa nova maneira de se perceber o rádio, outrora um meio cultural e educativo, é objeto de discussão pelo Governo que cria a *Radiobrás* (Empresa Brasileira de Radiodifusão), e a ela cabia organizar e difundir programas de cunho educativo; e depois com a criação da SINRED (Sistema de Radiodifusão Educativa), que manteve suas atividades até o ano de 1995.

Blois (2003) visualiza o Rádio Educativo no Brasil em seis fases: a primeira com a criação de rádio-escolas; a segunda (entre os anos 20/40) pelas redes educativas de radiofonia; a terceira é a expansão das rádio-escolas; quarta fase, a evolução e um maior aprofundamento científico no planejamento das rádios; quinto momento, o nascimento de FMs educativas e a sexta fase é a introdução de rádio educativas online.

Ao analisarmos hoje o rádio brasileiro percebemos: AMs, FMs e a presença de emissoras na Rede Mundial de Computadores. As FMs formam, em grande maioria, inúmeras redes, estas se especializam-se em determinadas faixas etária, segmentam sua programação e inserem publicidade. Às emissoras AMs, coube o papel de noticiar e de manter o padrão educativo e cultural, porém não deixaram de ser educativas por conterem informes publicitários. O número de emissoras educativas é inferior se levada em consideração ao número de emissoras comerciais. Geralmente são ligadas a prefeituras, ao governo, a universidades, mas também podemos encontrar rádios não-governamentais (ex: rádios comunitárias).

Mas, são as Rádios Universitárias que devem ser as grandes incentivadoras do principal papel de uma rádio educativo, que é a de disseminar educação, cultura e conhecimento através de uma linguagem que atenda a todas as classes. É neste tipo de emissora que apreciamos de forma clara o conteúdo educativo.



Pensar en diferentes públicos y, sobre todo, en éstos como grupos capaces de desarrollarse y crescer implica asumir, desde la producción da radio, el objetivo de informar, educar (más que el de simplemente entretener) y asumir un sistema de radiodifusión como servicio de interés publico. (HUERFANO *apud*, DEUS, 2003)

A formação de emissoras organizadas por universidades é importante pelo simples fato de produzir um espaço que seja um elo entre o saber acadêmico e a prática, mas também a de levar o conhecimento à comunidade (através de serviço e informações) em seus vários setores da população. Além de ser um espaço que sirva de laboratório e assim, poderia-se experimentar, trocar experiências e construir um senso crítico. Um espaço com a possibilidade e a liberdade do fazer diferente do que é produzido por rádios comerciais.

Liberdade de experimentar novos formatos, de inovar quanto ao conteúdo da programação, beneficia a formação de uma rádio diferente das comerciais e, ao mesmo tempo, desenvolve nos estudantes, conhecimento e criatividade para a realização da futura atividade profissional. (KEMPF *apud*, DEUS 2003).

A atividade laboratorial é importante para o crescimento do estudante por lidar com formatos que não são observados e realizados pelas emissoras comuns. É nesse contexto laboratorial e educativo que observamos o programa Zona Livre e sua importância para discentes da UFPB. Além de levar o conhecimento à sociedade, o programa proporciona aplicação do conhecimento teórico através da prática para os estudantes de Radialismo da Universidade Federal da Paraíba.

PROGRAMA ZONA LIVRE, HISTÓRIA E FUNÇÃO

O programa Zona Livre é uma produção dos alunos do sexto período do Curso de Comunicação Social, habilitação de radialismo. É atividade da disciplina Direção de Programas de Rádio II, que também tem projeto de ensino-monitoria desde 2005. A veiculação do programa, inserido na programação de uma emissora de rádio AM, dá-se via convênio entre a Universidade Federal da Paraíba e a Rádio Tabajara – Superintendencia de radiodifusão.

Enquanto projeto de monitoria, é intitulado *Zona Livre – Programa Radiofônico Semanal do Curso de Rádio e TV da UFPB* e teve início em 2005, quando foi



desvinculado do projeto Espaço Experimental, que inicialmente unia duas disciplinas: Laboratório de Radiojornalismo (habilitação de Jornalismo) e Direção de Programa de Rádio II (habilitação de Radialismo), do curso de Comunicação Social.

Nos períodos letivos de 2005.1 e 2005.2 o projeto foi orientado por três professores: Sônia Maria de Lima Santos (2005.1), Henrique França (início do período 2005.2) e Norma Meireles (2005.2, a partir de 17 de abril de 2006⁴), que é a atual orientadora. Inicialmente, o programa era transmitido das 14h às 15h, sendo alterado, posteriormente, para o horário das 11h às 12h. Hoje, a transmissão acontece das 10h às 11h, devido às mudanças na grade da programação estabelecidas pela emissora.

O principal objetivo do Programa Zona Livre é a prática dos alunos matriculados na disciplina Direção de Programa de Rádio II. Onde, divididos em grupos, eles têm a oportunidade de vivenciar todas as etapas da produção radiofônica, trabalhando na direção, pauta, redação, reportagem e locução em programas ao vivo e gravados.

No primeiro ano do projeto, todos os programas eram gravados, passando no ano de 2006 a ter um programa ao vivo para cada grupo. A quantidade de programas ao vivo foi aumentando a cada período e, hoje, cada equipe realiza apenas uma ou duas produções gravadas.

A disciplina funciona em dois momentos: o primeiro em sala de aula e o segundo, no estúdio da Rádio Tabajara (para os programas ao vivo) e no estúdio de rádio e laboratório de informática do Departamento de Comunicação Social da UFPB (para os programas gravados).

Enquanto uma parte dos alunos está em processo de gravação no estúdio, outra parte se reúne com os monitores para editar o material já gravado. Professor e monitores se reúnem semanalmente para observar e discutir as dificuldades e facilidades dos alunos no processo de produção e execução dos programas radiofônicos.

Com sessenta minutos de duração, o Zona Livre é produzido e apresentado pelos alunos da disciplina acima citada, com orientação da docente responsável e auxílio dos monitores sejam eles bolsistas ou voluntários. Aos monitores, também cabe produzir programas em períodos de recesso escolar para que a periodicidade semanal seja mantida.

⁴ O ano do semestre letivo não corresponde ao calendário oficial, devido a atrasos do calendário da instituição.



Durante os quatro anos de veiculação do programa, os alunos têm trabalhado os mais diversos gêneros e temas em programas gravados e ao vivo. Com a pauta aprovada pela professora orientadora da disciplina, os gêneros variam entre jornalístico (com documentário jornalístico, entrevista, mesa-redonda, programa esportivo, etc.); entretenimento (com programa musical e peça radiofônica); educativo-cultural (com documentário educativo-cultural) e variedades. Abrindo, assim, um espaço para o universitário experimentar.

Barbosa Filho (2003. p 89) observa que o gênero jornalístico “é o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos”. De acordo com o autor os relatos jornalísticos “podem possuir características subjetivas do ponto de vista dos conteúdos e, portanto, acrescentar ao ato de informar opiniões particulares sobre os acontecimentos”. Sobre os formatos de entretenimento destaca as seguintes características: “a de ter a capacidade de se combinar com outros formatos de outros gêneros e de servir de ferramenta para a informação, o anúncio, a prestação de serviços, para a educação e, até mesmo, para o entretenimento.” (BARBOSA FILHO, 2003. p 115).

Ferrareto (2007, p. 63) afirma que o gênero educativo cultural é um “formato adotado pelas emissoras não-comerciais, voltadas a uma programação que pretende formar o ouvinte, ampliando seus horizontes educativos e culturais”. Quanto aos programas de variedades diz que esse gênero “reúne aspectos informativos e de entretenimento. [...] pode aparecer na forma de espaços voltados a cultura e lazer, intercalados, algumas vezes, com orientações nas áreas de Medicina ou de Direito. (FERRARETO, 2007, p. 57)

ATIVIDADES: PROGRAMAS PRODUZIDOS

Discorreremos, neste momento, sobre alguns programas para ilustrar o Zona Livre como uma atividade laboratorial, na qual os estudantes estão presentes em todas as etapas, da escolha do tema e do formato, passando pela produção, direção e a apresentação até a avaliação das produções.

Entre os temas abordados pelos estudantes no *Zona Livre* estão: Bossa Nova, Tropicália, Reggae, Prática Universitária, Alcoolismo, Cinema Brasileiro, Cidadania, Carnaval, Novas Tecnologias, Intercâmbio, Turismo no Interior da Paraíba, Trilhas Sonoras de Novela, Patriotismo, Estética Feminina, Consciência Negra, Infidelidade,



Voluntariado, Gírias e Linguagem da Internet, Relacionamentos Virtuais, Marketing Político, Bullying, Fanatismo, Futebol Brasileiro, entre outros. Seleccionamos três programas que se destacaram em diferentes gêneros para uma análise geral do processo de produção, são eles: Zona Livre-Especial Projeto Mandalla, Zona Livre- Marketing Político e Zona Livre-Especial Bossa Nova.

O Projeto Mandalla

O *Zona Livre Projeto Mandalla* foi veiculado em 27 de maio de 2006. A produção foi dos alunos Frederick Labadi, Cristian Fellips, Bárbara Duarte e Gabriela Guedes. O programa é um documentário jornalístico sobre o projeto da Agência Mandalla DHSA, projeto que mudou a vida de pequenos agricultores na Paraíba, através de um método de plantio de baixo custo propício para qualquer tamanho de terra.

O documentário explica como surgiu o projeto e como ele têm se expandido pelo território brasileiro. Sobre o formato documentário jornalístico, Barbosa Filho se manifesta:

Constitui verdadeira análise sobre tema específico. Tem como função aprofundar determinado assunto construído com a participação de um repórter condutor. O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. (BARBOSA FILHO, 2003, p 102)

Os depoimentos do idealizador e dos agricultores que se utilizam do Projeto Mandalla são os pontos altos do programa, destacando também a boa locução que conduz o documentário. A produção teve uma boa finalização, devendo parte do mérito à trilha sonora original do *Quinteto Itacoatiara*, do trabalho *Visões Sertanejas*.

Marketing Político

O *Zona Livre* sobre Marketing Político foi veiculado ao vivo no dia 25 de outubro de 2008 e produzido por Camila Ribeiro, Hannah Carla Leite, Karla Noronha,



Priscilla Alcântara, Thibério Rodrigues e Webster Alves. O programa é de cunho jornalístico, no formato de mesa-redonda, que é “[...] a fórmula mais completa, dinâmica, ágil e atraente de polemizar no rádio (...). Nela participam representantes de diversos pontos de vista a ser debatido. Os pontos de vista expostos podem ser contrapostos ou complementares. [...]” (PRADO apud BARBOSA FILHO, 2003,104).

O Zona Livre Marketing Político foi ao ar às vésperas do segundo turno das eleições para prefeito em algumas cidades do país. A pauta traz uma discussão sobre a construção de uma campanha eleitoral e a preparação de um político até o período das eleições. Durante a mesa-redonda com um cientista político e uma especialista em propaganda política, há sonora com uma comentarista política, enquete com universitários, propagandas de curiosos candidatos a vereadores, músicas relacionadas ao tema e as campanhas do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) nas Eleições 2008. Todas essas inserções foram comentadas pelos convidados no decorrer da discussão.

A equipe começou a produzir o programa doze dias antes de sua realização, seguindo as etapas básicas de produção. A partir da escolha do tema, a pauta foi definida, assim como as funções de cada membro. Encerrada a fase de pré-produção, o grupo experimenta estar ao vivo em um estúdio de rádio, vivenciando o principal momento do laboratório, mas fora dos limites da universidade, veiculando o programa para a sociedade. Foi durante essa etapa que os alunos tiveram a oportunidade de aprender como lidar com o assistente técnico e os convidados, a tomar decisões mediante problemas que não estavam previstos e, principalmente, a conduzir uma produção ao vivo durante sessenta minutos.

O Especial Bossa Nova

O Zona Livre Especial Bossa Nova, veiculado em 14 de outubro de 2006, foi produzido pelas alunas Kellyanne Alves e Deyse Fernandes. O recorte histórico do movimento, que revolucionou a música popular brasileira e revelou grandes artistas no Brasil e no mundo, deu um ar de documentário-educativo ao programa.

Documentário educativo-cultural é o formato cuja abordagem é direcionada a um tema de cunho humanístico, como uma escola, um movimento literário ou musical: análise de uma escola teatral, das programações televisivas ou radiofônicas, de grandes eventos da história, da filosofia, etc. (BARBOSA FILHO, 2003, p 112).



Entretanto, o especial em questão, optou por experimentar algo difícil de se ouvir no rádio, duas linhas narrativas no mesmo programa. Assim, na primeira, há um namoro com o formato de documentário, e na segunda, no que seriam os intervalos dos blocos (ao todo são quatro), opta-se por veicular entrevistas com estudiosos e amantes da Bossa Nova que se reúnem semanalmente em um bar de João Pessoa. As entrevistas foram feitas in loco (no bar em questão), dando um ar de transmissão ao vivo, com a música ambiente ao fundo.

O texto é objetivo, proporcionando fácil entendimento por parte do ouvinte. Outro destaque é a pesquisa musical que se faz presente tanto nas músicas tocadas por inteiro quanto nas que aparecem com *Back Ground*. A pós-produção também merece destaque, com uma edição bem trabalhada. O resultado da produção do programa foi a conquista da segunda posição na categoria Radiojornalismo do *Prêmio AETC JP de Jornalismo 2006*⁵.

ZONA LIVRE: ESPAÇO LABORATORIAL

O Zona Livre enquanto espaço laboratorial permite aos alunos da disciplina de Direção de Programa de Rádio II uma prática profissional e pessoal em que todos podem exercer as funções existentes em um programa radiofônico. A aluna Kalinne Arcoverde do 6º período do curso de Rádio e TV da UFPB (em depoimento aos autores) comenta:

É uma oportunidade prática no curso, diante da rotatividade das funções em cada programa você pode descobrir afinidades com algumas delas e saber onde precisa melhorar para melhor exercê-las, além de ter que superar as dificuldades de um trabalho em equipe. Aprendemos a trabalhar contra o tempo e contornar os imprevistos que por ventura possam acontecer principalmente nos programas ao vivo

Outra questão importante que é trabalhada durante a produção do programas pelos alunos é a aplicação prática dos conceitos adquiridos em sala de aula. Sara

⁵ Prêmio AETC-JP de Jornalismo, instituído desde 2002 pelo Sindicato e Associação das Empresas de Transportes Coletivos Urbanos de João Pessoa (AETC-JP) e (Sintur-JP), é uma iniciativa pioneira do setor de transporte urbano da cidade de João Pessoa - PB.



Oliveira, que também é estudante do 6º período de Rádio e TV da UFPB afirma, em depoimento aos autores, o quanto o embasamento teórico é importante:

Utilizo de embasamento teórico quanto às questões de escrita e da parte prática quando tenho de produzir pauta, procurar entrevistado, usar da técnica quanto à música, sabendo que aquele trabalho estará sendo veiculado pra diversas pessoas, ouvintes que buscam no programa um veículo de informação, muitas vezes interativa quando abordamos assuntos para descontração do ouvinte e outras de forma culta e mantendo uma linha de estudos desenvolvidos dentro da Universidade Federal da Paraíba.

Os programas ao vivo também são um ponto de destaque para o aprendizado dos discentes envolvidos. É uma grande responsabilidade dirigir e apresentar ao vivo, saindo da segurança de estúdio do curso, onde poderíamos errar e editar. No ao vivo é diferente, inclusive levando-se em consideração a ampla audiência da Tabajara AM na capital e no interior do estado. A emissora também pode ser ouvida pela internet, pelo site <http://www.radiotabajara.pb.gov.br/>. Camila Catarinne, aluna do 6º período, em depoimento aos autores, ressalta essa importância:

Eu particularmente adoro essa questão da "responsabilidade" de um programa ao vivo, ou mesmo gravado. A maior dificuldade que encontramos é a questão dos contatos com entrevistados. Até mesmo de um assunto que seja legal e que englobe a população universitária. A prática instiga qualquer um na hora do 'vamos ver'.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O rádio faz escola”. Uma frase muito antiga, mas que revela a importância de um meio que traz ensinamentos essenciais para quem trabalha na área de comunicação.

A universidade enquanto espaço de aprendizagem permite por em prática os conceitos adquiridos em sala de aula fazendo com que os acadêmicos tenham uma experiência real sobre a profissão que querem atuar.

Por isso, as atividades laboratoriais compõem uma parte importante do mecanismo de construção do profissional de comunicação, neste caso, o profissional habilitado para Rádio e Televisão, oferecendo aos discentes uma experiência que possa abrir caminhos para sua entrada no mercado de trabalho.



É possível dizer então que o Zona Livre não é apenas uma atividade laboratorial inserida numa disciplina obrigatória da habilitação de Rádio e TV; é uma experiência profissional que oferece ao estudante uma aproximação do mercado de trabalho, do cotidiano profissional, enriquecendo a vida acadêmica, pessoal e profissional de quem passa pelo programa.

REFERENCIAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**. Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BLOIS, Marlene. Rádio educativo: uma escola de vida e de cidadania. In: FILHO, André Barbosa; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana. **Rádio: sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 147-178

_____. Rádio educativo no Brasil: uma história em construção. In: **ANAIS XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2003**. Belo Horizonte: INTERCOM 2003. Disponível em: http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP06_blois.pdf>. Acesso em 27 jun. 2009.

DEUS, Sandra de. Rádios das universidades federais: função pública e compromisso laboratorial. In: **ANAIS XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2003**. Belo Horizonte: INTERCOM 2003. Disponível em:< http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP06_deus.pdf>. Acesso em 27 jun. 2009.

FERRARETO, Luiz Antônio. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Dora Luzzato, 2007.

FROTA, Danielle Silva. **A ética radialística**. Análise crítica da postura ética adotada pelo profissional de rádio na Paraíba. João Pessoa: DECOMTUR. Curso de Comunicação – Radialismo. Universidade Federal da Paraíba. Monografia. 2006.

MEDITSCH, Eduardo. **O ensino do radiojornalismo em tempo de internet**. INTERCOM 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-ensino-do-radiojornalismo.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2009.